



Alencar Monteiro

**Campos: "Propensão quase genética ao calote"**

# **Roberto Campos prevê impasse "imprevisível"**

**BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO**

O debate sobre "Dívida externa, desenvolvimento e integração latino-americana", promovido pelo grupo brasileiro do parlamento latino-americano, ontem, em Brasília, reuniu poucos deputados e senadores, mas críticas generalizadas à condução das últimas negociações da dívida brasileira e, principalmente, à política econômica que estaria levando o País a um impasse de proporções imprevisíveis, mas certamente com aumento da inflação associado à redução da atividade econômica.

O senador Roberto Campos foi o primeiro a abrir fogo contra a política econômica do ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, chegando até os ex-ministros Dilson Funaro e Francisco Dornelles que, por força da indefinição da Nova República, acabaram por perder a possibilidade de um "bom acordo" consequido pelo ex-presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore.

O acordo acertado em 1984, segundo Campos, permitiria a redução dos dispêndios com a dívida, mas foi rejeitado porque implicaria monitoramento do Fundo Monetário Internacional (FMI) e as autoridades da Nova República queriam esconder as manipulações em torno do déficit público e as falsificações nos dados sobre importação e exportação. Em seguida, foi decretada a moratória, consequência parcial, segundo Cam-

pos, de uma "propensão quase genética do brasileiro ao calote".

Roberto Campos, que dirigiu a economia do País no início do processo revolucionário de 1964, criticou, ainda, uma série de "mitos" que considera existirem no País. O primeiro deles é de que o pagamento da dívida inibe o crescimento, o que o senador nega, uma vez que houve crescimento nos anos de 84, 85 e parte de 1986, mesmo com a manutenção dos pagamentos, enquanto a moratória de 87 foi seguida de uma redução no crescimento econômico do País, com a indústria praticamente paralisada.

O segundo mito, de acordo com Campos, é o de que a manutenção dos saldos comerciais prejudicariam o mercado interno. Para o senador, Alemanha e Japão aí estão para desmentir tal teoria. Campos também contestou outro mito, o de que o modelo exportador seria concentrador de renda, dando exemplos como Coréia e Formosa, que seguem o modelo e têm uma distribuição de renda muito mais equilibrada que o Brasil. Finalmente, o senador procurou desmontar a teoria de que a integração latino-americana e do Terceiro Mundo como um todo poderia contribuir para a solução da dívida. Para ele, o problema da dívida é restrito a alguns países da América Latina, particularmente Brasil, Argentina e México, além de poucas exceções na África e Ásia.